

6 – Caçadores

A chuva havia passado e algumas pessoas já começavam a despontar de seus abrigos, lanchonetes, restaurantes e outros estabelecimentos que ofereciam proteção no momento da chuva, alguns fechavam os guardas- chuvas, outros não se importavam de estar completamente encharcados por desafiar toda aquela água. Novamente o caos se instalara no trânsito, buzinas, freadas bruscas e rancos de motor agora compunham a sintonia que movia a cidade. Semáforo vermelho. A fila dupla de carros aguardava o sinal verde para avançar, quase todos estavam impacientes, porém um se destacava dos demais, o terceiro carro da fila da esquerda um Ford Focus parecia um cavalo enfurecido esperando o comando de seu cavaleiro para avançar, dentro deste havia um condutor impaciente, a mão direita no câmbio a esquerda na testa, pisava levemente no acelerador segurando o freio, enfim o verde, soltou o pedal de freio ao mesmo tempo que pisou no acelerador, após alguns metros já podia ultrapassar os outros carros e colocar-se na dianteira onde pisava fundo e engatava as outras marchas apesar dos avisos de limite de velocidade.

No banco do passageiro havia uma garota, rosto de aspecto delicado, nariz aquilino, pequenos olhos castanhos que combinavam com o tom de seu cabelo que vinha a altura dos ombros, vestia um jeans e uma camisa escura completando o figurino com um all star, uma típica garota de 19 anos. O condutor era um homem alto de porte atlético, beirava seus 25 anos, o cabelo despenteado ar de despreocupado, ligou o som, a voz de Ozzy preenchia o interior do veículo, com a música “Iron Man”, o que aumentava a adrenalina de César.

-Pode abaixar o volume, por favor? Como quer que me concentre assim? – Disse a moça ao seu lado.

-Ah Ângela, qual é? Você sempre se ligou no som do Black, por que isso agora?

Ângela, respirou fundo, e soltou o ar lentamente, fechou os olhos por uns instantes e tornou a abri-los.

-Sim, é verdade! Mas infelizmente no momento não estamos a passeio irmãozinho, estamos a serviço!

César baixou o volume, e com um sorriso descontraído virou-se para Ângela.

-Sabe irmãzinha, às vezes você leva esse negócio a sério demais, relaxa, logo tudo isso acaba e a gente vai poder viver uma vida normal e...

-Normal? – Gritou ela – Meu Deus César, quando você vai crescer, nós nunca teremos uma vida normal, olha os monstros que caçamos, que as outras pessoas no mundo nem imaginam que existem, e nós os vemos desde quando eu tinha doze anos de idade, você carrega essa arma desde seus 16 anos, explodindo essas coisas mandando-os para não sei aonde, e o pior disso tudo, nós não tivemos direito de escolher se queríamos ou não essa vida!

César respirou fundo, odiava quando a irmã tinha esses ataques de nervos, talvez fosse a tensão de estar rastreando esses monstros ou talvez sentisse falta de viver como uma pessoa normal, pensando em estudos, trabalho, namoro, casamento, essas coisas que os normais fazem da vida.

Encostou o carro e desceu. Abriu o porta malas e pegou a bolsa preta, não poderia descrever a sensação que aquele ato lhe causava, pressentia que estava próximo o momento de consumir aquilo para qual foi preparado por seu pai e carregava em si a convicção de que um dia passaria o ofício a seu filho. Olhou para Ângela que estava concentrada no beco o

olhar apreensivo, não enxergava aquilo da mesma forma que o irmão, encarava tudo isso como se fosse uma terrível maldição e não via a hora de um dia libertar-se de tudo isso, porém sabia que era um caminho sem volta, não teria fim, esses monstros iriam aparecer hoje e sempre até o dia em que não houvesse mais ninguém que pudesse detê-los e o mundo seria deles.

-Vamos lá! – Seu irmão deu-lhe um toque no ombro.

-Fazer o quê? – Disse com desdém.

Apesar de ser dia o beco estava escuro e o mau tempo contribuía ainda mais para isso, entre dois prédios estava diante deles o corredor estreito, estavam tensos sabiam que ao fim daquele pequeno trecho estaria um ser de tamanho e forma impensável e improvável para a maioria dos seres humanos, mas para eles era algo comum e não apenas personagens de contos de terror e era hora de enfrentar mais um. César abriu a bolsa e puxou o objeto que lá se encontrava a arma que vinha sendo transferida de pai para filho a mais de 10 gerações da família Alvares, tinha a aparência de uma meia espingarda com um arco de flecha acoplado ao lado oposto da coronha que era acionado por um gatilho, era uma besta, apontou-a para frente e toda magia aconteceu, a munição apareceu instantaneamente obedecendo aos pensamentos de César, onde não havia nada agora continha uma flecha que emitia um brilho azul iluminando o beco. Pensou que encontraria um ser humanóide onde no lugar da cabeça estaria a de algum animal ou então um enorme cão salivando ácido.

Surpresa.

César e Ângela não acreditavam bem a sua frente estava um homem ferido, agonizando com a mão por cima de uma ferida semiaberta.

-Ô Ângela, seu radar está com defeito, é só um homem! – Disse César olhando de esguelha.

Ela não respondeu, continuou a olhar fixamente para o homem tinha certeza de que não errara o que seria aquele então? Uma espécie de metamorfo que assumira a forma humana?

-Ei o que aconteceu com você, vamos chamar uma ambulância... - Dizia César, mas foi interrompido por Ângela.

-Cuidado – gritou ela – Apesar de parecer um homem ele é um deles!

-Tá louca? O cara tá ferido precisa de um médico, olha só pra ele! – Parou de repente ao olhar novamente para o homem a sua frente.

Outrora abaixado contorcendo-se não aparentava ter a altura que tinha agora de pé, mas esse era o detalhe menos importante, as feições do homem eram horríveis puro ódio expressado pelas presas a mostra.

-Um vampiro! – Sibilou César.

O homem gargalhou.

-Não me confunda com seres tão fracos sem sentido e objetivo na existência, eu sou algo muito maior humano, mas para vocês eu posso ser o local errado, a hora errada. Há há há há há.

Ângela agarrou o braço de César, tanto a voz quanto a gargalhada daquele homem eram horríveis e causava-lhe arrepios.

César apontou-lhe a besta a flecha emitia uma luminescência ainda maior, todo o beco foi tomado por uma forte luz azul como se o próprio mar estivesse refletindo sobre o local.

O homem levou as mãos a face não conseguiu manter os olhos abertos naquela claridade.

-Ah! – Gritou ele – Já ouvi falar de vocês, já acabaram com vários demônios menores, mas enganam-se ao pensar que sou como aqueles inúteis, sou um guerreiro e já fui um anjo de guerra.

-Cala a boca seu louco, depois que minha flecha atravessar sua garganta você vai chorar pro capeta!

-Já disse pra não me confundir com aqueles inúteis, vou devorar sua alma seu verme!

Ainda com a mão protegendo os olhos recuou um passo para trás e para esquerda parando rente ao container de lixo, encostou a sola da bota e empurrou com força em direção a César, este não acreditou no que estava vendo, com um simples empurrão aquele homem moveu um container de toneladas com se fosse uma caixa de papelão e que agora vinha ao seu encontro em velocidade espantosa, não havia muito tempo para pensar tinha de agir no instinto, empurrou Ângela e correu os poucos passos que o separavam do container tomou impulso e usando uma quina como degrau passou por cima do obstáculo, ainda no ar mirou e disparou e por uma fração de segundos pôde notar que havia errado, não entendeu, treinou disparos em movimentos inúmeras vezes e a prática o havia levado a perfeição, mas agora inexplicavelmente aquele monstro havia facilmente se esquivado e vinha em sua direção carregando algo que passou despercebido a seus olhos num primeiro instante, não, não havia passado despercebido, não estava lá antes, mas agora o homem dirigia-se a ele carregando uma espada, enfim seu corpo tocou o chão, fechou os olhos e esperou a morte iminente, não iria mais caçar nem tampouco ensinar essa habilidade a seu filho ali seria o ponto final em sua vida.

Clang.

Que som era aquele que estava retinindo, vibrando em seu ouvido?

Abriu os olhos, as surpresas não iriam acabar, com as mãos no chão recuou por instinto, a sua frente chamas ardiam segurando o golpe certo que daria fim a sua vida, aos poucos a imagem foi ficando nítida era uma espada em chamas bloqueando o ataque direto daquele homem, uma figura alta a empunhava.

-Esse dia tá ficando cada vez pior! Você tá legal Ângela? – Gritou ele.

-Sim! – Respondeu sua irmã gaguejando.

O homem que o defendeu olhou-o por cima dos ombros, seus olhos eram puro fogo capaz de consumir tudo o que mirasse.

-Não se preocupe humano! Temos interesses em vocês, não vamos deixar mal algum acontecer-vos.

-HÁ há há há - gargalhou o demônio –Ezequiel? Devo ser muito importante mesmo, mandaram você para gladiar comigo!

-Caírus... - deixou a palavra se perder no ar – Há quase cem anos nos encontramos, não?

-Deveria ter aparecido cinco minutos antes, agora estou completamente curado dos golpes daquela vagabunda, pode vir!

-Não tenho a intenção de acabar com você agora, vim apenas para levar esses humanos em segurança, eles possuem características curiosas, não podemos permitir que caiam em suas mãos.

-Tenho planos interessantes pra eles e muitos dos meus também, principalmente os que foram despachados para casa!

César já se sentia confiante e ousou ficar ao lado de Ezequiel e notou como era alto sentiu-se uma criança perto de um irmão maior, estava cheio de coragem para encarar o demônio.

-Eu acabo com você e com quem for que cruzar nosso caminho.

-Ezequiel – Disse Caírus com ar de deboche – Diga ao pobre monte de carne a sorte que teve de ainda não ter encontrado alguém de elite como eu!

-Afasto-se César ! Deixe que eu cuido disso!

-Cuidado! – Gritou César alertando Ezequiel que pôde virar a tempo de bloquear o ataque de Caírus, a espada frente à face, precisou fazer esforço para empurrá-lo e contra atacar desferindo um ataque horizontal seguindo de um diagonal e rapidamente girou o corpo cento e oitenta graus acertando uma pesada na face de Caírus, que antes de ser lançado a uns dois metros conseguiu acertar um chute certeiro na coxa da perna de apoio de Ezequiel derrubando-o.

-Você está bem? – Disse César correndo de encontro ao anjo, mas antes que chegasse perto este havia sumido, ergueu a cabeça no instante de ver o mesmo aparecer próximo ao demônio lançando-se sobre esse com agilidade de um excelente guerreiro, Caírus também demonstrou habilidade ao esquivar-se do ataque do anjo girando para esquerda e pondo-se de pé, a espada do anjo ao tocar o chão desencadeou estrondoso tremor, César e Ângela caíram, Caírus descreveu um arco com sua espada, Ezequiel agachou-se e girou a perna visando derrubar o adversário mas o demônio foi rápido e girou o corpo num salto mortal para trás e exibindo suas asas levantou voo, Ezequiel partiu em seu encalço. Alguns minutos se passaram e César mirava o céu com as mãos em concha, não podia ver nada, mas continuava fitando o alto esperando ansioso por algo que não saberia dizer o que era, aos poucos uma silhueta vinha despencando e à medida que se aproximava tornava-se mais nítida, era Caírus que caía de costas e a julgar pela velocidade espatifar-se-ia no chão, acima dele uma enorme esfera de fogo descia a seu encontro, não somente uma, pouco atrás dessa vinha uma segunda, Caírus virou o rosto para o chão que estava mais próximo, uma de suas asas rasgadas, na face uma expressão de quem tramava algo, virou os olhos de encontro as esferas novamente – Ainda não desgraçados! – Gritou ele e o corpo começou a desfazer-se em uma névoa espessa e escura e quando tocou o chão era apenas fumaça.

As esferas continuaram sua descida desenfreada nada seria capaz de para-las, pareciam duas locomotivas desgovernadas, tocaram o solo e uma explosão dourada tomou conta do lugar como se uma potente bomba houvesse explodido ali.